

Previsões de crise são "artificiais"...

Para Kawall, o Brasil está mudando o foco das discussões sobre a política fiscal

FERNANDO NAKAGAWA
BRASILIA

Continuação da página A-1

Para o secretário do Tesouro Nacional, Carlos Kawall, o Brasil vive um momento importante de mudança de foco das discussões da política fiscal. "Saímos da preocupação com a sustentabilidade das contas e cumprimento das metas para avaliar a qualidade do gasto e a carga tributária. É uma visão de economias avançadas e estáveis." Um grande quadro na parede da sala de reuniões do secretário resume o discurso de Kawall. "Agora, o Brasil só gasta o que arrecada. Lei de Responsabilidade Fiscal. É o Brasil avançando com responsabilidade."

Gazeta Mercantil - Gazeta Mercantil - O mais recente debate nacional trata da evolução do gasto público. O senhor avalia que a discussão tem sido feita de forma apropriada?

Carlos Kawall - Divido essa discussão em duas questões. Primeiro, você tem a sustentabilidade fiscal e a dívida pública, que é cumprida com o superávit primário do setor público. E há uma segunda discussão, qualitativamente diferente. Com o cumprimento dessas metas, a discussão passa a ser se você pode ter a mesma meta com diferente carga tributária ou gasto. Ou, ainda, se você pode reorientar o gasto para outras prioridades. Acredito

que é isso é uma evolução positiva do debate.

Gazeta Mercantil - Mas os analistas não têm feito essa separação...

Kawall - Acho que é porque o debate está mudando, é como uma transição. Acho que a gente não está mais no debate da solvência. A dívida pública tem passado por um notável processo de alongamento e o perfil é menos vulnerável. É nesse sentido que entendo que o debate avançou muito. Não significa que não exista nenhum risco, não é isso. Mas é que a discussão passa a focar um nível ideal de carga tributária e a qualidade do gasto. E isso aparece misturado porque acho que é uma evolução, estamos transitando de uma coisa para a outra.

Gazeta Mercantil - E isso derriba a análise de que o aumento dos gastos poderia gerar uma crise fiscal no médio prazo?

Kawall - Como eu disse, são duas questões. A primeira é a solvência fiscal e a outra é a qualidade do gasto e a carga tributária. Misturar as duas coisas é artificial e leva, às vezes, alguns a falar em crise fiscal iminente. Não estamos em uma nau desgovernada rumo ao desastre. Essa avaliação é completamente inapropriada porque existe uma gestão, uma institucionalidade na área fiscal bastante séria. Além disso, há um compromisso que vem das principais forças políticas do País no sentido de que qualquer que seja o resultado da eleição é muito provável que a gente tenha a manutenção do compromisso com a responsabilidade fiscal. Tudo isso sugere que você terá, ao longo dos próximos anos, a possibilidade de manter a disciplina fiscal.



Gazeta Mercantil - E a preocupação dos analistas com o aumento do gasto público?

Kawall - As despesas correntes têm apresentado elevação há alguns anos. E isso, em boa medida, tem sido financiado, no primeiro momento, pela elevação de carga tributária e, mais recentemente, com a arrecadação crescente. Isso não tem sido gerado por força de medidas de maior tributação, mas por maior efi-

"Saímos da preocupação com a sustentabilidade das contas e cumprimento das metas para avaliar a qualidade do gasto"

ciência da máquina arrecadatória. Se a economia começa a crescer mais, as empresas geram mais lucros, o que gera mais imposto. É isso que tem permitido que o governo faça desonerações.

Gazeta Mercantil - Mas se os gastos sobem, como alertam os analistas, secretário...

Kawall - O que não concordo é tratar essa discussão de aumento

de despesa como indicativo de uma crise fiscal lá na frente. É como dizer que não há mecanismos de controle dos gastos ou que não há interesse do governo (em reduzir os gastos). É o que o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, tem dito: existem ações gerenciais que podem ser tomadas para isso.

Gazeta Mercantil - E onde esse mecanismo pode ser usado?

Kawall - Os ministros Bernardo e Mantega são quem tem autoridade para se pronunciar sobre o tema. De qualquer forma, acho que só podemos tratar desse tema em um cenário pós-eleitoral. Vai depender da equipe que estiver administrando os recursos para tratar desse assunto. No momento oportuno, isso vai ocorrer.

Gazeta Mercantil - Mas já há algum modelo?

Kawall - Tem de ser algo permanente. E o programa tem de ser executado de forma a se adequar à realidade do momento.

Gazeta Mercantil - Ainda sobre os gastos, não seria preciso realizar uma reforma profunda na Previdência Social?

Kawall - A Previdência tem passado por um processo muito importante que é o esforço gerencial para saber qual é a realidade do órgão. E isso já traz alguma melhora. Esse é o ponto que cabe ser executado em um ano como esse, eleitoral. Sobre mudanças nos próximos anos, cabe a quem estiver à frente do governo.

Gazeta Mercantil - Mas as ações da Previdência são consideradas apenas um paliativo pelos analistas. Isso é suficiente?

Kawall - Não é paliativo. É uma coisa que tem de ser feita de qualquer maneira. É preciso conhecer a realidade da Previdência. Para esse ano, com eleições, esse esforço já é bastante louvável.

Gazeta Mercantil - O Brasil abandonou o cronograma de lançamentos no exterior. Mesmo assim, o mercado continua aberto aos papéis brasileiros?

Kawall - A intenção do Tesouro Nacional sempre foi o desenvolvimento de uma curva de juros (de referência para os títulos brasileiros lançados no exterior). Mas não foi possível fazer por uma série de circunstâncias de mercado. Independentemente disso, continuamos com interesse em fazer.

Gazeta Mercantil - É possível citar quais são os principais pontos "críticos" da curva de juros e que precisariam de mais papéis para se tornar mais eficientes?

Kawall - De fato, existem papéis que não têm muita eficiência. Temos tentado fazer trocas ou compras, mas há dificuldade porque os detentores não querem abrir mão de ter os nossos papéis. Gostaríamos de ter uma gestão mais ativa e podemos continuar tentando. As duas operações que fizemos recentemente ficaram aquém do que propomos. Isso tem mostrado que há certa dificul-

dade em se comprar os papéis.

Gazeta Mercantil - Na semana passada, mais uma agência de classificação de risco melhorou a nota brasileira. A partir de agora e até o investment grade, é possível afirmar que o desempenho da economia real vai começar a ter mais peso nos novos upgrades?

Kawall - Acho que o crescimento econômico traz, do lado fiscal, mais receitas e mais solvência. No limite, você precisa ter crescimento econômico, que no nosso caso não vai ser asiático. Mas é importante que seja maior que o que tivemos nos últimos dez anos e por um período mais prolongado. Desse ponto de vista, o foco na taxa de crescimento da economia é importante.

Gazeta Mercantil - Como tem sido a discussão sobre o peso de se manter as reservas internacionais no atual patamar? Há analistas que afirmam que esse valor está alto demais...

Kawall - Tem havido questionamento sobre esse custo. Mas temos de lembrar que a nossa política é trocar endividamento externo por interno. Isso, em grande medida, gera benefícios. Isso tem de ser lido no conjunto.

Gazeta Mercantil - O custo, então, não é alto?

Kawall - Para nós, o custo-benefício é positivo, pois traz menor vulnerabilidade, menor risco, alongamento da curva de juro doméstica e tendência de queda do juro real no médio e longo prazo. Tudo isso são benefícios.

Gazeta Mercantil - Existiria um nível ideal para as reservas internacionais?

Kawall - Esse é um exercício mais acadêmico. É difícil de fazer porque você tem de incorporar esses valores que não são mensuráveis.

Previsões de crise são “artificiais” diz Kawall

9002 135
SET 2006FERNANDO NAKAGAWA
BRASÍLIA

*

Em meio ao tiroteio eleitoral e às acusações de que o governo federal abriu a torneira das despesas de forma irresponsável, o secretário do Tesouro Nacional, Carlos Kawall, mantém a tran-

Carlos Kawall

quilidade. Aos críticos da política fiscal, lembra que o governo tem instrumentos de controle dos gastos e avalia que as previsões de crise fiscal nos próximos anos são “artificiais”. “Não estamos em uma nau desgovernada rumo ao desastre”, rebate.

Ele diz que o controle de gastos continua sendo prioridade, o que tem permitido que a disputa eleitoral ocorra sem turbulência no mercado, apesar do recente nervosismo dos investidores com alguns países emergentes.

Continua na página A-4